

Valor linguístico: uma proposta de aplicação dos pressupostos saussurianos para o ensino de língua

RESUMO

Este artigo visa a analisar possíveis contribuições dos pressupostos saussurianos para o ensino de língua, especificamente, os de valor, sistema e relação, a fim de propor alternativas de ensino que colaborem para o desenvolvimento das habilidades de produção escrita e de compreensão leitora dos alunos da Educação Básica. Para atingir esse objetivo, primeiramente é feita uma revisão de alguns aspectos do processo de ensino de língua no Brasil; em seguida, faz-se uma revisão teórica de outros conceitos saussurianos, tais como: língua, linguagem, signo e arbitrariedade; e, por fim, apresenta-se uma possibilidade de ensino de língua, voltada à constituição de sentido, a partir desses conceitos.

Palavras-chave: Ensino de língua. Leitura. Escrita.

**Carina Maria Melchior
Niederauer**

carina.nider@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul, Rio
Grande do Sul, Brasil.

Daniela Fátima Dal Pozzo

danieladalpo@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul, Rio
Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

O percurso de formação na Educação Básica dos jovens brasileiros dura cerca de 12 anos. Durante esse tempo, estudam, entre outras disciplinas, Língua Portuguesa, que, teoricamente, deveria oportunizar o desenvolvimento de habilidades previstas tanto para a produção escrita quanto para a leitura. Todavia, ao finalizarem essa etapa de sua formação escolar, muitas vezes, continuam apresentando dificuldades tanto para ler de forma compreensiva quanto para produzir textos de diferentes gêneros.

Estaria essa dificuldade relacionada a como o ensino de língua é abordado nas escolas? Para essa pergunta, já há diversos estudos que indicam que sim, em geral, associados ao ensino predominante da gramática normativa. Apesar de muito ter sido pesquisado sobre isso, propomo-nos a apresentar uma possibilidade de pensar o ensino e a aprendizagem de língua, tendo como aporte teórico os pressupostos saussurianos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a aprendizagem de língua, seja oral seja escrita,

é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL,1997, p. 15)

De acordo com os PCN, nos anos 70, foi preciso reestruturar o plano de ensino de Língua Portuguesa, devido ao fracasso escolar que os aprendizes apresentavam no desenvolvimento de habilidades básicas e funcionais da língua:

O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no País. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série (ou nas duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, pela dificuldade de alfabetizar; no segundo, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir. (BRASIL, 1998, p. 17)

Parece estranho constatar que ainda hoje o ensino continue enfrentando as mesmas dificuldades que se verificavam na década de 70. Diante desse fato, não há como negar que essa é uma questão que ainda exige muita reflexão. Em vista disso é que propomos este estudo: pensar o ensino de língua pelo viés dos

pressupostos saussurianos. Para isso, apresentamos, a seguir, alguns conceitos formulados por Saussure, a fim de situar o leitor sobre como essa teoria opera.

1. DOS CONCEITOS DE SAUSSURE

Para Ferdinand de Saussure, a língua é muito mais do que uma nomenclatura e não pressupõe ideias completamente concebidas, assim como não prevê *formas* que existam fora de seu uso, ou seja, fora do discurso. A língua é, nesse viés, um sistema de signos, em que, se são significativos para os indivíduos, são reais. (NORMAND, 2009a). Como se vê, equivoca-se quem afirma que Saussure é um teórico estruturalista, quando na verdade vê a língua como um sistema, em que todas as partes estão necessariamente interligadas.

Iniciamos por fazer essa consideração, pois revela que aprender uma língua requer que o aprendiz perceba nesse sistema algo significativo para suas interações no dia a dia. Sendo assim, a teoria saussuriana é aqui revisitada, a fim de apresentar seu potencial para o ensino e aprendizagem de língua.

Saussure parte do pressuposto de que um termo significa em virtude da relação entre um conceito e uma imagem acústica, pois: “[...]a língua constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica”. Por outras palavras, a língua é uma construção social, um sistema de signos que exprimem ideias por meio da faculdade humana denominada linguagem, sendo ela necessária para o emprego da língua (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Signo, para Saussure, é “uma entidade psíquica” (SAUSSURE, 2012, p. 106) que interliga um *conceito* e uma *imagem acústica*, chamados, respectivamente, *significado* e *significante*. O *signo* é a união desses dois elementos, em que uma parte é a entidade física (forma) e a outra é a psíquica (significação).

Concernente aos preceitos saussurianos, Godel (1957, in BRONCKART, 2006, p. 108, grifo do autor) explicita:

O signo linguístico não é o som material, objeto da fonologia [...] a esse som material só se pode opor o grupo “som/idéia”: é, portanto, essa associação de dois elementos igualmente imateriais, mas absolutamente diferentes, que é propriamente o signo. Só sua relação, sua correspondência constitui um fato linguístico; colocados isoladamente, eles não são mais nada para a ciência da linguagem.

Desse modo, não há correspondência entre o *significado* e o *significante* de um signo, posto que, se assim fosse, o signo seria positivo e não negativo, fazendo com que a língua tivesse uma estabilidade tão grande que sua estrutura corresponderia ao real. Essa não correspondência é primordial para a subsistência do sistema. (NÓBREGA; BASÍLIO, 2013).

Uma das características mais importantes do signo é a *arbitrariedade*. Esse conceito comprova que a sequência de sons de um signo não está vinculada à

ideia que enseja. Se digo 'flor', a sonorização produzida não será uma *flor*, porque não há relação entre o significante e o significado.

Para o mestre genebrino, o sistema linguístico é criado pelo uso e consenso geral. Melhor dizendo, a arbitrariedade do signo permite que os valores sejam estabelecidos por uma comunidade e não apenas por um único indivíduo.

Sobre a arbitrariedade do signo, Nóbrega e Basílio (2013) elucidam que é por meio de um trabalho psicológico que o *significante e o significado* são construídos e que eles possuem um vínculo. Ademais, é isso que faz com que o signo seja arbitrário: uma comunidade organiza os signos linguísticos de uma maneira tal, que cria, assim, um sistema de signos.

Saussure (2012) exemplifica a questão da arbitrariedade ao dizer que a ideia 'mar' não corresponde ao seu significado, à sua sequência de sons *m-a-r*, desse modo, tal sequência poderia ser representada por qualquer outra, independentemente de qual fosse. Como exemplo, o signo 'areia' poderia muito bem representar a ideia de 'mar' e vice-versa. Nada no significado de 'mar' lembra os sons que o constituem. (FIORIN, 2013).

Como referido anteriormente, o signo é socialmente estabelecido; é preciso uma coletividade para instituí-lo em seu sistema linguístico. Assim sendo, não se pode esquecer que ele é imotivado, isto é, não há um elo natural entre o significado e o significante. (SAUSSURE, 2012).

A questão da arbitrariedade também é comprovada pela existência de diversos idiomas. Por exemplo, em italiano, a forma 'birra' significa 'cerveja'; em português, a mesma forma significa 'teima'. Não há equivalência de significado, mesmo a forma sendo igual (NORMAND, 2009b). Se houvesse um vínculo entre significado e significante, 'birra' só teria um significado nos dois idiomas.

A inexistência dessa ligação natural faz com que cada língua/idioma determine, coletivamente, o significado e o significante para um signo, podendo variar, até mesmo, esses dois princípios em uma mesma língua, de acordo com a região do país em que é empregado. É o caso do termo 'farol'. Na região Sul do Brasil, pode significar a 'lâmpada de iluminação dianteira de um carro'; em São Paulo, 'farol' pode significar 'semáforo'. Como se vê, um mesmo signo poderá ter, dependendo do sintagma do qual faça parte, um valor, regionalmente, diferente, ou seja, determinado pela comunidade linguística que o utiliza.

Mas o fato de os signos serem arbitrários, isto é, imotivados, não impede que haja signos relativamente motivados, como exemplificado por Saussure (SAUSSURE, 2012, p. 180),

vinte é imotivado, mas dezenove não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, dez, nove, vinte e nove, dezoito, setenta etc.; tomados separadamente, dez e nove estão nas mesmas condições que vinte, mas dezenove apresenta um caso de motivação relativa.

Sobre a arbitrariedade, é relevante, ainda, considerar estes quatro aspectos:

1º - os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra t e o som que ela designa;

2º - o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever t com variantes [...]

A única coisa essencial é que esse signo não se confunda em sua escrita com o do l, do d etc.;

3º - os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras [...]

4º - o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema [...]

Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação (SAUSSURE, 2012, p. 167, grifos do autor).

Em outras palavras, não importa o meio pelo qual são produzidos os signos, desde que não se confunda a grafia de uma letra com outra; a forma utilizada para produzir uma letra também não importa, pois não interfere no seu valor; e, por fim, uma letra não designa seu som e vice-versa.

Sob o viés de que os signos são determinados coletivamente e de que as formas se dão por diferenças, sendo elas percebidas “como alguma coisa que é; que, além disso, não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração” (SAUSSURE, 2004, p. 37, grifo do autor), o significado dos signos não é natural, o que faz com que a sua forma possa ser representada por qualquer outra.

Nesse sentido, para Saussure, o signo contribui para a construção de ideias, pois é por meio dele que é possível distinguir de modo explícito e constante duas ideias. Dessa maneira, a língua é um recurso que auxilia no processo de concretização do pensamento. Para explicar melhor, o linguista compara a língua a uma folha de papel, em que não se pode rasgar um lado sem, tampouco, rasgar o outro. Ou seja, não se pode separar o pensamento do som ou o som do pensamento. A realidade fenomenológica existe em virtude da existência dos signos, portanto há pensamento de acordo com os signos que são utilizados (FIORIN, 2013).

Godel (1957, in BRONCKART, 2006, p. 112, grifos do autor) exemplifica isso ao esclarecer que

os sinônimos ‘descrer’ e ‘duvidar’ só existem um ao lado do outro; descrer enriquecerá de todo o conteúdo de duvidar se duvidar não existir. Na mesma linha, indo mais além: cachorro designará o lobo enquanto a palavra lobo não existir. A palavra, então, depende do sistema; não há signos isolados.

Voltando ao que diz Saussure, seus preceitos atestam que os signos são arbitrários e negativos, ou seja, o *valor* é determinado pela relação de oposição

com os demais signos de um sintagma e, além disso, um signo é o que o outro não é.

Revisitados esses aspectos dos estudos saussurianos, a seguir, passamos ao conceito de valor.

2. O CONCEITO DE VALOR

A partir do que foi visto, entra a questão do *valor* de um signo. Diferentemente da significação preestabelecida, isto é, do significado dicionarizado, *valor* refere-se ao sentido de um signo, que pode ser completamente distinto daquele encontrado em um dicionário.

Segundo Saussure (2012, p. 162), uma palavra tem seu valor “verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente”.

Se alguém diz: *Ela veio mesmo?*, o valor de ‘mesmo’ em relação aos demais termos do sintagma é de ‘realmente’, ‘verdadeiramente’. Já no sintagma, ‘*A mesma estrada foi consertada várias vezes*’, ‘mesma’ tem valor de ‘a própria estrada citada’. Os valores são diferentes justamente pela relação com os demais termos presentes em cada um dos enunciados.

Isso ocorre porque a língua é um sistema, e o valor de um signo só é determinado pela presença simultânea de outros (o que o antecede e o sucede). Tendo em vista que os signos são solidários: precisam ser analisados considerando suas relações. Conforme afirma Saussure (SAUSSURE, 2004), um signo pode ter seu valor alterado, mesmo que nada nele seja modificado, apenas trocando o signo vizinho.

Outra noção importante mencionada por Saussure é a de *forma*, que se refere à figura vocal considerada pelos indivíduos falantes. No entanto, ela não tem, obrigatoriamente, um sentido definido, pois *forma* diz respeito ao “elemento de uma alternância” e essa alternância é a “coexistência [...] de signos diferentes, sejam equivalentes ou sejam, ao contrário, opostos em sua significação” (SAUSSURE, 2004, p. 37).

A forma é uma “entidade ao mesmo tempo *negativa e complexa*: que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da diferença com outras formas, COMBINADA à *diferença* de significação de outras formas” (SAUSSURE, 2004, p. 36, grifos do autor). Por outras palavras, pode ser considerada como uma figura vocal determinada segundo o entendimento dos falantes.

Nesse sentido, tudo na língua é constituído por diferenças e oposições, pois: “1º Um signo só existe em virtude de sua significação; 2º uma significação só existe em virtude de seu signo; 3º signos e significação só existem em virtude da *diferença dos signos*” (SAUSSURE, 2004, p. 37, grifos do autor).

Seria equivocado pensar, de acordo com a proposta saussuriana, que formas e ideias existam fora de seu uso. Não há formas ou ideias preestabelecidas ou que possuam valor isoladamente. Elas só existem e só são o que são em um sistema e em oposição a alguma outra forma ou ideia.

A título de exemplo, o termo ‘marido’, como consta no dicionário, tem o significado de homem unido a uma mulher pelo casamento. Se acrescido o prefixo ‘ex-’ a essa palavra, seu valor será completamente diferente. Não existirá mais a união entre duas pessoas, mas a separação delas. Outro exemplo: ‘Maria gosta de chocolate’; se for acrescido ‘não’ ao sintagma, ficará: ‘Maria não gosta de chocolate’. Se antes Maria gostava, neste sintagma ela não gosta. O ‘não’, em relação aos outros signos, muda o sentido do enunciado.

Godel (1957, *in* BRONCKART, 2006, p. 110) exemplifica isso ao dizer que: “A Química, dissociando [os elementos da água] chega a hidrogênio e oxigênio, mas permanece na ordem química, quer se tome um elemento, a parte ou o todo. Mas, se se decompõe a água linguisticamente, tomando o H ou o O, não se tem mais entidade lingüística”. Fica a questão: qual o valor de uma forma isolada? Que valor tem o H₂O dissociado linguisticamente? Nenhum. Não representaria a água.

Saussure (2004) enfatiza diversas vezes a importância do conceito de valor, destarte, é necessário esclarecer o porquê disso. Sobre esse conceito, o linguista explica que valor expressa de modo mais sensato do que qualquer outra palavra a essência da língua: a forma vale e acarreta a presença de outros valores.

Contudo, se pensarmos o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, em geral, o foco está na classificação das palavras ou em sua função sintática, o que demanda que sejam analisadas isoladamente. O estudante precisa saber, por exemplo, o que é um artigo para poder atribuir-lhe a função sintática de adjunto adnominal. Não se quer com isso negar a importância de se conhecer essas classificações, o que se quer evidenciar é que ensinar a língua sem atribuir-lhe sentido, não tem levado à aprendizagem da produção escrita e da leitura, pois, como se sabe, na maioria das vezes, os estudantes saem da escola sem saber utilizar a língua e sem ter aprendido tais conteúdos. Esquece-se que a língua é um sistema, que há solidariedade entre as partes, que elas são dependentes uma das outras. Isolar um termo do sistema “seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (SAUSSURE, 2012, p. 160).

Benveniste (1995) parece concordar, nesse sentido, com o mestre genebrino, ao afirmar que a premissa primordial da língua é consistir em um sistema em que seus termos são vinculados de forma solidária e dependente.

Assim, em um enunciado é que se tem o sentido de um signo, considerando a ideia de solidariedade. Nele a inter-relação das partes determina o valor de um signo. Dito de outro modo, as palavras não têm um sentido a priori, ademais é preciso considerar que a linguagem é atualizada a cada instante em que é proferida (BENVENISTE, 1995).

Relativo a isso, Saussure (SAUSSURE, 2004, p. 117, grifos do autor) explica:

Onde está “O SIGNO” na realidade das coisas? Ele está dentro da nossa cabeça e sua natureza (material ou imaterial, pouco importa) é COMPLEXA; ela não se compõe nem de A, nem mesmo de B, mas, doravante, da associação a/b com eliminação de A e também com

impossibilidade de encontrar o signo em b ou em a tomado separadamente.

Os signos constituem seu valor no interior dos enunciados e isso faz com que não exista, por exemplo, segundo a teoria saussuriana, o que por outras teorias é denominado de palavras polissêmicas, pois, em um sintagma, fica estabelecido o valor de um termo, impossibilitando que qualquer outro lhe seja atribuído. O mestre genebrino também afirma não existir sentido figurado das palavras, uma vez que seu valor é atribuído na relação com outras palavras. De fato, em geral, não falamos por meio de palavras isoladas, por exemplo, não dizemos apenas a palavra 'manga', para indicar que estamos falando da manga de uma camisa que está rasgada. Para saber de que 'manga' estamos falando, precisamos relacioná-la a outros termos para que possamos atribuir seu sentido, o que eliminaria a polissemia, por exemplo.

Partindo do entendimento de Saussure de que não existiria sentido figurado de uma palavra, vejamos a seguinte situação. Alguém diz: *Estou correndo contra o tempo, o prazo de entrega está acabando*; certamente, nesse caso, a expressão 'correndo contra o tempo', terá seu sentido atribuído na inter-relação com os demais termos presentes no sintagma, impossibilitando que se atribua a essa expressão outro sentido a não ser o de 'tenho pouco tempo'.

Considerando que na língua só há oposições, uma outra situação que demonstra o que vem sendo dito é o caso do plural, que só existe em oposição ao singular. Logo, 'casas' só existe em oposição a 'casa', ou, então, a palavra 'ruivo', que só existe em oposição a 'loiro' e 'moreno'. Caso não existisse a palavra 'ruivo', as formas 'loiro' e 'moreno' abarcariam o significado de ruivo (NORMAND, 2009a).

Normand (2009a) também exemplifica isso ao dizer que, isolado, 'ande' não tem valor, mas o terá em comparação com 'andem', 'andemos', 'ando'.

Ademais, é a oposição que torna possível distinguir 'ande' de 'pare' ou de 'continue'. Sendo assim, na língua, tudo é oposição e diferenças:

Não há, na língua, nem signos nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significação; as quais 1º só existem, absolutamente, umas através das outras (nos dois sentidos) sendo, portanto, inseparáveis e solidárias; mas 2º não chegam jamais a se corresponder diretamente. (SAUSSURE, 2004, p. 65, grifos do autor)

Para melhor exemplificar essa ideia de oposição, Saussure (2004) compara a língua a um jogo de xadrez: se colocarmos um grão de feijão no lugar da Rainha, o grão passará a ter o valor da Rainha. Significa dizer que o grão de feijão terá esse valor no jogo devido ao lugar que ocupa no tabuleiro e pela relação de oposição que estabelece com as demais peças do jogo, ou seja, nesse caso, o grão de feijão não vale como Rei, peão ou Torre. O mesmo acontece com a língua, uma vez que não há coerência em buscar o sentido de um signo isolado dos outros, já que, nela, não se pode considerar cada elemento por si só.

Sendo assim, os termos são vazios e indeterminados. A imagem acústica de um signo não representa seu conceito, ou seja, “se uma palavra não evoca a idéia de um objeto material, não há absolutamente nada que possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa” (SAUSSURE, 2004, p. 69).

Dessa maneira, o sistema da língua prevê que os signos possam ser trocados por outros de *valor* semelhante ou de valores completamente contrários. Eis que entra a noção de negatividade em relação ao conceito de valor, em que aquela contribui para a existência de diversos signos, e este para que o sentido seja determinado no uso. (SAUSSURE, 2012).

Diante disso, é possível formular o seguinte questionamento: como um mesmo signo pode assumir valores diferentes dependendo do sintagma? A essa questão, Saussure (2004, p. 42, grifos do autor) esclarece que

[...] expressões como A forma, A ideia; A forma e A ideia; O signo e A significação são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua. Não existe a forma e uma ideia correspondente; não há a significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes); há, apenas, em realidade, diferenças de formas e diferenças de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de diferenças (por conseguinte, de coisas já negativas por si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra.

Logo, devido à língua ser um sistema, o sentido se dá pelas relações entre os signos, estabelecendo um vínculo de oposição e de negatividade entre eles, não sendo possível haver valores correspondentes, mas, apenas, valores possíveis.

A seguir, esclarecemos outras duas noções essenciais para o conceito de valor, que são: as relações *sintagmáticas e associativas*.

3. RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E ASSOCIATIVAS

Na língua, proferimos um signo de cada vez e isso ocorre devido a sua condição linear, correspondendo, na proposta saussuriana, ao *eixo sintagmático*, ou seja, “os termos estabelecem entre si, em virtude do seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. [...] Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala” (SAUSSURE, 2012, p. 171).

Com base nesse eixo, tem-se que: “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou ambos” (SAUSSURE, 2012, p. 172). Assim, há uma organização em que cada palavra terá outros termos antes ou depois dela, organizadas linearmente. Consoante Saussure (SAUSSURE, 2012), o *sintagma* pertence à fala, tendo em vista que ele assim como a *fala* têm liberdade de combinar os diferentes termos pertencentes à língua.

Outro eixo é o associativo, no qual grupos de palavras são associados mentalmente de diferentes maneiras. Essas associações correspondem aos

diferentes tipos de coordenação que podem ser feitos. O termo 'relacionamento', por exemplo, pode evocar diversos tipos de associação a partir de um elemento comum: (a) o radical da palavra: relação, relacionado, relacional etc.; (b) por analogia: ligação, convivência, união etc.; e (c) o sufixo: ensinamento, armamento, estranhamento etc. (SAUSSURE, 2012).

Azevedo (2006, p. 26, grifos da autora) complementa a relação entre os eixos sintagmático e associativo, ao dizer que "o valor de um signo está no ponto de intersecção dos dois eixos (tipos) de relação que ele pode estabelecer com os outros signos de um sistema linguístico: o sintagmático, eixo das combinações *in praesentia*, e o *paradigmático*¹, eixo das associações *in absentia*".

Dessa maneira, é pela relação entre os dois eixos que é atribuído o valor de uma palavra: o eixo associativo sendo o eixo das escolhas; o sintagmático das combinações possíveis no enunciado. Feita essa revisão teórica, a seguir, propomos uma possibilidade de ensino de língua com base nos pressupostos saussurianos.

4. POSSIBILIDADES DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONTRIBUIÇÕES DOS PRESSUPOSTOS SAUSSURIANOS

Sabemos que a gramática normativa tem como objetivo prescrever as regras da Língua Portuguesa, propondo uma língua ideal, não considerando a língua em uso. Contudo, a maioria dos usuários desconhece muitas dessas regras, embora, teoricamente, tenham-nas aprendido na escola. Diante disso, ao ensinar, conforme afirma Normand (2009a, p. 77), "é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser aprendidas senão em suas relações com outras, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações".

É claro, não se pode desconsiderar a gramática da língua, sua estrutura e organização, entretanto, apenas um estado da língua é descrito por ela. Diante disso, é possível pensar numa proposta de ensino de língua que contemple também outros aspectos e, para isso, entram em cena os conceitos saussurianos apresentados anteriormente.

A fim de exemplificar como se poderia planejar algumas atividades de Língua Portuguesa, fundamentadas na teoria saussuriana, em especial nos conceitos de valor, sistema e relação, apresentamos, a seguir, duas propostas. Na primeira, o significado de um signo deve ser buscado em um dicionário; na segunda, o valor do mesmo signo será constituído a partir de sua relação com os demais termos do sintagma.

A atividade proposta para o 9º Ano do Ensino Fundamental e visa a contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção escrita dos alunos. Tais atividades demandam a inter-relação entre os termos de cada enunciado e incitarão o aprendiz a pensar no sentido do que está sendo lido.

4.1 Proposta de atividades

A ordem das atividades apresentadas a seguir tem como objetivo levar o aprendiz a refletir sobre o uso da Língua Portuguesa, isto é, refletir sobre o sentido das palavras, quando empregadas em uma frase/sintagma.

Quadro 1 – Sugestão de questão

1) Procure no dicionário²³ os significados da palavra 'morrer'.

Possíveis respostas

- a) Perder a vida
- b) Falecer
- c) Deixar de existir
- d) Extinguir-se
- e) Parar de funcionar
- f) Não chegar a acontecer

Fonte: das autoras.

Quadro 2 – Sugestão de questão

2) Agora, leia o enunciado a seguir e, em seguida, substitua a palavra destacada em (i) por aquela(s) encontrada(s) no dicionário, cuidando para não modificar a estrutura e o sentido do enunciado.

(i) Branca de Neve comeu a maçã envenenada. Quando os 7 Anões chegaram em casa, ela já estava morrendo.

Possíveis respostas

- a) Branca de Neve comeu a maçã envenenada. Quando os 7 Anões chegaram em casa, ela já estava perdendo a vida.
- b) Branca de Neve comeu a maçã envenenada. Quando os 7 Anões chegaram em casa, ela já estava falecendo.
- c) Branca de Neve comeu a maçã envenenada. Quando os 7 Anões chegaram em casa, ela já estava deixando de existir.
- d) Branca de Neve comeu a maçã envenenada. Quando os 7 Anões chegaram em casa, ela já estava extinguindo-se.

Fonte: das autoras.

Não estamos considerando, nas possíveis respostas, substituições como ‘parar de funcionar’ ou ‘não chegar a acontecer’, o que não significa que o estudante, ao atentar apenas para os possíveis significados dicionarizados de ‘morror’, empregue-os no enunciado, ignorando a mudança de sentido que tais escolhas causariam. Atividades aparentemente simples como essas já nos mostram a relevância do proposto por Saussure quanto à diferença entre significado e sentido. Vejamos mais algumas questões.

Quadro 3 – Sugestão de questão

3) Substitua a palavra destacada em (ii) por outra(s) de sentido semelhante e reescreva o enunciado sem alterar a estrutura e o sentido da frase.

(ii) Preciso de café, pois estou morrendo de sono.

Possíveis respostas

a) Preciso de café, pois estou com bastante sono.

b) Preciso de café, pois estou com muito sono.

Fonte: das autoras.

Quadro 4 – Sugestão de questões

4) Como você deve ter percebido, a palavra ‘morrendo’ pertence à classe gramatical dos verbos, segundo a gramática normativa, e tem, no dicionário, dentre outros, o significado de ‘perder a vida’. Agora compare os enunciados (i) e (ii) e diga se ‘morrendo’ tem o mesmo sentido em ambos.

Possível resposta

Nos enunciados, ‘morrendo’ tem sentidos diferentes. Em (i) tem o sentido de falecer, de perder a vida; em (ii) tem o de sentido de intensificar o sono.

4.1) Como é possível saber qual é o sentido de ‘morrendo’ em cada um dos enunciados?

Possível resposta

Fonte: das autoras.

A relação da palavra ‘morrendo’ com as demais palavras do enunciado faz com que saibamos qual é o seu sentido. Para se ter certeza disso, basta trocar essa palavra por outra de valor semelhante, considerando as possibilidades de escolha. Em (i) o sentido é de perder a vida; entretanto, em (ii) ‘morrendo’ tem o sentido de intensificar o sono.

Se, por exemplo, disséssemos: *‘Preciso de café, pois estou perdendo a vida de sono’, o enunciado não teria sentido em (ii). Nesse caso, o exemplo utilizado é bastante indicativo da falta de sentido que uma construção dessa natureza acarretaria. Contudo, em muitas outras situações de produção escrita ou de leitura isso pode não ser tão explícito assim. Nessas situações é que se torna importante pensar a relação entre todos os termos presentes no enunciado, pois são esses outros elementos que ajudarão a constituir o sentido de um enunciado/discurso.

Retomando a sequência de atividades propostas, o primeiro exercício teve por objetivo levar o aluno a pesquisar o significado do termo ‘morrer’ no dicionário, pois ali poderá encontrar diferentes significados. Feito isso, na segunda atividade é solicitado que substitua o termo ‘morrendo’ presente no enunciado (i) pelos significados encontrados na atividade 1, mantendo seu sentido. Nesse caso, é esperado que alguns dos significados dicionarizados não sejam considerados como uma possibilidade de substituição de ‘morrendo’, uma vez que tornariam o enunciado sem sentido.

Na terceira atividade, foi apresentado um novo enunciado (ii), no qual o termo ‘morrendo’ tem o sentido de intensificar o sono, não guardando nenhuma relação com o significado de ‘morrer’ dicionarizado. Tanto na atividade 2 quanto da atividade 3, o sentido dos enunciados somente poderia ser constituído se o termo ‘morrendo’ fosse colocado em relação aos termos que o antecedem e o sucedem.

Nas atividades (4) e (4.1), o aprendiz deverá refletir, sobre as mudanças de sentido dos enunciados, bem como perceber que a substituição de um termo por outro pode manter o sentido do enunciado ou deixá-lo incompreensível e que isso decorre exatamente pela relação com os demais termos presentes no sistema.

Para o professor que busca formas de ensinar leitura e produção escrita, planejar uma aula a partir dos conceitos saussurianos apresentados neste estudo, poderá ser uma forma de qualificar seu fazer em sala de aula.

Reconhecemos não ser fácil mudar alguns paradigmas relacionados ao ensino de língua, contudo, é possível proporcionar ao aprendiz oportunidades de refletir sobre o funcionamento da língua. Ao oportunizar aos estudantes que pensem sobre a organização de um enunciado ou sobre as escolhas linguísticas que podem fazer ao produzir um discurso, bem como os efeitos de sentido que suas escolhas trarão para o seu texto, estamos possibilitando a qualificação de habilidades de produção escrita e de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referido no início deste artigo, em geral, os estudantes da Educação Básica apresentam importantes dificuldades no que concerne às habilidades de compreensão leitora e de produção escrita o que, possivelmente, também explique o desprazer pela leitura, por exemplo. O ensino tradicional, com base na gramática normativa, não dá conta de todas as possibilidades da língua. Mas, como já dissemos, não postulamos que se deva abolir o ensino da gramática normativa nas escolas, entretanto, é preciso considerar que utilizar uma língua requer muito mais do que regras, é preciso, antes disso, pensar a língua em uso, compreender e produzir sentido.

O aprendiz precisa reconhecer que é por meio da língua que se tem acesso aos mais diferentes textos, que é por meio dela que reconhece o outro e se reconhece como sujeito e, também, exerce sua cidadania. A língua possibilita o acesso à cultura letrada, proporcionando que o indivíduo seja mais crítico, reflexivo, questionador, imaginativo e participativo na sociedade da qual faz parte.

Assim, a possibilidade de ensino de língua que propomos, considera, principalmente, os pressupostos saussurianos de *valor*, *relação* e sistema, que apresentam potencial para explicar que uma palavra é o que as outras não são; que seu valor é atribuído em um sintagma; e que um termo pode sim ter seu sentido alterado, devido a sua relação com os demais signos presentes no sintagma do qual faz parte.

Dessa maneira, as atividades propostas, nas quais um mesmo termo possui sentidos diferentes, exatamente pela relação que estabelece com os demais signos presentes no mesmo sintagma, podem contribuir tanto para o professor quanto para o aprendiz entenderem as possibilidades da língua e que o valor de cada palavra não é dado *a priori*, mas atribuído no sintagma, e que esse valor pode ser diferente dos significados dicionarizados. Conforme o aprendiz for compreendendo isso, ele terá mais facilidade ao ler e ao escrever, pois poderá pensar no valor dos termos uns em relação aos outros, não mais fazendo, por exemplo, uma leitura orientada em uma única direção.

O que trazemos neste artigo são apenas elucubrações de uma pesquisa maior que será compartilhada em futuros artigos.

Language value: a proposal for the application of saussurian assumptions for language teaching

ABSTRACT

This article aims to analyze possible contributions of the saussurian assumptions to language teaching, specifically those of value, system and relationship, in order to propose teaching alternatives that collaborate in the development of the writing production skills and reading comprehension of the student's Basic education. In order to reach this goal, first a review of some aspects of the process of language teaching in Brazil is done; then a theoretical revision of other saussurian concepts is made, such as: language, sign and arbitrariness; and, finally, a possibility of language teaching, aimed at the constitution of meaning, is presented from these.

Keywords: Language teaching. Reading. Writing.

NOTAS

¹ Para Saussure, trata-se do eixo associativo.

² Os significados de 'morrer' aqui apresentados são os que constam no *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2010, p. 532).

³ Os significados de 'morrer' aqui apresentados são os que constam no *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2010, p. 532).

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. 1995. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. São Paulo: Pontes. 387 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 03/09/2018. 137 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 08/09/2018. 106 p.

FLORES, V. et al. (Orgs.). 2009. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto. 284 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. 2010. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva.

NÓBREGA, M.; BASÍLIO, R (Ed.). Saussure: a invenção da lingüística. *In*: FLORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, L. B. (Org.). **A contribuição de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em: <https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572448031>. Acesso em: 03/09/2018. p. 135-147.

NORMAND, C. 2009a. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade. 187 p.

NORMAND, C. 2009b. **Convite à lingüística**. São Paulo: Contexto. Disponível em: <https://ucsvirtual.ucs.br/startservico/PEA/>. Acesso em: 12/06/ 2018. 204 p.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de Lingüística Geral**. Tradução de: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p.

Recebido: 16 ago. 2019

Aprovado: 03 set. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n34.10547

Como citar: NIEDERAUER, Carina Maria Melchior; POZZO, Daniela Fátima Dal. Valor linguístico: uma proposta de aplicação dos pressupostos saussurianos para o ensino de língua. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 34, p. 205-221, set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

